

IV PROJETAR 2009
PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA
FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL
Outubro 2009

Eixo Proposição

Subjetividade no Ensino de Arquitetura

Autor: Marcos Sardá Vieira

Arquiteto e professor do SOCIESC - Joinville
Doutorando em Artes Visuais e Educação
pela Universidade de Barcelona
marcosarda@gmail.com

Resumo

Este artigo explora a subjetividade da concepção arquitetônica dentro do processo de ensino e aprendizado em arquitetura e urbanismo. Com a intenção de vincular uma nova origem para a reflexão conceitual do projeto, este relato de experiência apresenta a aplicação de uma proposta metodológica que enfatiza os aspectos subjetivos, artísticos e emocionais como norteadores da proposta espacial.

Palavras-chave: Arquitetura - Linguagem Visual - Investigação Artística - Educação

Resumen

Este artículo explora la subjetividad de la concepción arquitectónica dentro del proceso de enseñanza y aprendizaje en arquitectura y urbanización. Con la intención de unirse con una nueva origen para la reflexión conceptual del proyecto, este relato de experiencia presenta la aplicación de una propuesta metodológica que da énfasis a los aspectos subjetivo, artístico y emocional como el norte de la propuesta espacial.

Palabras clave: Arquitectura - Lenguaje Visual - Investigación Artística - Educación

Abstract

This article explores the subjectivity of the architectural conception inside of the teaching and learning process in architecture and urbanization studies. With the intention of linking a new origin for the conceptual reflection of the project, this report of experience presents the application of a methodological proposal that emphasizes the aspects subjective, artistic and emotional as orientation of the space proposal.

Key words: Architecture - Visual Language - Artistic Research - Education

Introdução

Para a arquitetura acontecer enquanto meio de expressão é necessário a sua materialização tridimensional. Sendo uma arte gerada por processos lentos, de alto custo e grau de permanência, muitas vezes não permite tempo suficiente para a experimentação de resultados de composição. Ao contrário das artes-plásticas, da escultura, ou do design, para o objeto arquitetônico são menores as chances de estudos na escala real. Por isso, torna-se importante o processo projetual da arquitetura que possibilita uma representação visual pela qual será copiado o edifício.

Muitas técnicas e instrumentos de projeto simulam a realidade em protótipos virtuais e digitalizados, que auxiliam na ação do projeto e da construção, mas não prevêm uma reação de interações humanas que só a arquitetura final consegue transmitir. E nesta representação dos interesses emocionais, como definir procedimentos na representação subjetiva da arquitetura?

Nesta interação entre ações e reações do ambiente construído com a diversidade da cultura humana é que o objeto arquitetônico se torna real. Na composição do projeto que antecede a obra arquitetônica são previstas as propriedades do objeto imaginado como tal: suas formas, dimensões e materiais, mas dificilmente são antecipadas as reações emocionais das pessoas (MARTINEZ, 2000).

Considerando a importância do valor artístico na concepção de projetos arquitetônicos com sensações mais envolventes, este artigo relata a experiência na aplicação de uma metodologia projetual no ensino de projeto arquitetônico que reforça os aspectos subjetivos na articulação com os demais aspectos (objetivos) relevantes, no processo de incorporar conteúdo emocional para a arquitetura.

Representação de uma Arquitetura Crítica

A origem está na primeira fagulha do pensamento. Desde aquele primeiro momento em que a idéia é concebida, quando a solução aparece no caos da interação dos problemas, ou ainda, quando as informações finalmente relacionam um significado comum. A origem de uma força é estabelecida para o início de uma concepção ideológica ou para um novo estado de ser.

Na origem dos pensamentos, objetos e pessoas, fica sempre a dúvida pelo estado dos processos, tanto aqueles que vêm antes quanto os desencadeados depois da origem

da situação em si. Nestas análises talvez permaneça a lacuna em entender como algo ou alguém se origina de um contexto impensável para aquele resultado, ou ainda, como pode desencadear um contexto inadequado para o grau de força obtido desta origem?

Partindo da idéia que o discurso visual é o meio do arquiteto expressar o seu conhecimento e garantir boa qualidade na materialização da arquitetura e das cidades, é preciso desenvolver com os estudantes uma maneira de identificar a origem do seu próprio discurso dentro da linguagem arquitetônica.

Entre os principais desafios do ensino de graduação, tratando especialmente da realidade em universidades brasileiras, temos pouca formação crítica de alunos e alunas, tanto na interpretação de fontes de pesquisa acadêmica quanto pelas informações que fazem parte do cotidiano de suas vidas. O estudante normalmente chega ao ensino superior pouco preparado para interpretar criticamente os assuntos de seu interesse.

Antes de tudo, os estudantes precisam conhecer seu objeto de avaliação e obter os parâmetros de análise crítica diante das informações que são selecionadas. A intenção de instigar uma reflexão sobre o discurso arquitetônico e questionar a linguagem visual destes objetos é o que permite multiplicar interações com outros enunciados (ou objetos) de análise em campos discursivos distintos (FISCHER, 2008). O reconhecimento dos sintomas ambientais e espaciais trás a possibilidade de transformar a representação dos discursos (formais e funcionais) ultrapassados. E este reconhecimento faz parte da verdade de cada sujeito que passa por este mesmo processo.

Em geral o ensino de graduação procura formar cidadãos aptos a desempenhar uma atividade profissional que atenda aos interesses da sociedade onde está inserido. Atualmente torna-se ainda mais importante a formação dos interesses específicos destes profissionais diante a grande concorrência dos postos de trabalho em funções mais generalistas. Para tanto, a formação de um perfil profissional consolidado, consciente de suas vontades, interesses, potencialidades e limitações, são as características mínimas que as universidades deveriam esperar de seus discentes.

Para a formação de uma identidade profissional em cada indivíduo, coerente com a sua representação social, o discurso crítico torna-se relevante na medida em que permite a

formação de novas perspectivas de encaminhamento profissional, sem perder suas referências de onde foram tiradas suas novas interpretações.

Na arquitetura, a capacidade crítica é uma das modalidades de manifestação do conhecimento com fundamental importância na geração de informações e transformação em conteúdo durante o processo de aprendizado dos estudantes.

Particularmente, devemos esperar dos estudantes de arquitetura a formação de um repertório arquitetônico definido por seus interesses profissionais a partir de uma visão justificada entre o que consideram como boa ou má arquitetura.

O estudante de graduação visto como um filtro por onde passam as informações ligadas a sua área de atuação e saem como produto o conteúdo decodificado e condizente com o perfil pessoal e profissional daquele indivíduo inserido em seu contexto sócio-ambiental também único.

Metodologia Aplicada ao Projeto de Arquitetura e Urbanismo

Esta experiência como docente aconteceu durante as aulas ministradas na disciplina de Projeto Arquitetônico e Urbanístico, com alunos de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNESC, Universidade do Extremo Sul Catarinense, em Criciúma - SC, durante o período de dois anos (2006-2007), divididos em quatro semestres letivos. Durante este período, trabalhou-se com turmas do 3º e 5º período.

Nos cursos de arquitetura a prática de projeto arquitetônico define, quase sempre, a principal disciplina do curso por concentrar o resultado formal dos conhecimentos aplicados pelas demais disciplinas. Esta importância também fica evidente pela proximidade desta atividade acadêmica com o trabalho profissional do arquiteto, resultando em uma boa participação e interesse por parte das alunas e alunos.

O cronograma das aulas foi definido com oito créditos semanais divididos igualmente em dois dias não seqüenciais durante a semana. Nos dois encontros semanais foi apresentado inicialmente o referencial teórico sobre o tema de projeto com a seqüência das aulas dedicadas a prática do projeto, assessoramentos e apresentações dos trabalhos e aulas expositivas para o grande grupo, referente a diferentes etapas no desenvolvimento do projeto (1- Partido Geral; 2- Projeto Preliminar; 3- Ante-Projeto).

A parte principal no desenvolvimento destas aulas, na qual se refere este artigo, fica por conta da metodologia aplicada ao projeto arquitetônico. O objetivo principal desta metodologia é resgatar o valor subjetivo da arquitetura como ponto de partida para o direcionamento dos valores objetivos da proposta. Esta valorização da subjetividade se justifica devido à importância da arquitetura, enquanto meio de representação de um conteúdo artístico através da sua linguagem visual, definindo elementos que transmitam sensações a partir de uma idéia conceitual.

Dentro desta metodologia estão previstas a coleta de informações sobre o tema de projeto e informações sobre o terreno e seu contexto urbano. Estes dados coletados fazem parte do reconhecimento sobre o assunto a ser trabalhado ao longo do semestre. A partir destas informações coletadas, os alunos e alunas iniciam a formação de conteúdo para o projeto através do diagnóstico geral do espaço físico do terreno e seu entorno onde irão espacializar sua proposta. Nesta etapa são descritas as condições físicas, analisadas e diagnosticadas através de textos, mapas e croquis indicativos. Até este ponto ainda não existem, substancialmente, intenções projetuais representadas visualmente sobre a configuração espacial.

Durante este processo de juntar informações e fazer diagnósticos os alunos são incentivados a pensar na subjetividade deste primeiro contorno sobre o projeto. Nesta reflexão de idéias ainda abstratas é onde o estudante trabalhará a subjetividade do projeto, desenvolvendo peculiaridades em cada processo mental. A pesquisa sobre várias informações relacionadas ao projeto colabora na formulação deste conteúdo conceitual.

Sequência Metodológica para os procedimentos de Projeto Etapa equivalente ao Partido Geral		
INFORMAÇÃO	Pesquisa sobre o Terreno	Pesquisa sobre Temas Gerais
	<ul style="list-style-type: none"> • Contexto Urbano • Situação do Bairro • Entorno Imediato • Características físicas do Terreno 	<ul style="list-style-type: none"> • Aprofundamento sobre o Tema • Exemplos Referenciais • Temas correlatos • Temas originais
CONTEÚDO	DIAGNÓSTICO	
	❖ Definição CONCEITUAL	
	DIRETRIZES Urbanas e Representações em Desenho	DIRETRIZES Projetuais e Representações em Desenho

Neste conceito estariam todas as possibilidades de definição que digam respeito ao lúdico, ao simbólico e ao valor artístico que deve ser conferido a uma obra de arquitetura que queira acrescentar outros valores que não sejam apenas os funcionais e tecnológicos. Alan de Botton (2007) nos apresenta questionamentos deste tipo, associando a idéia da felicidade na arquitetura com a possibilidade da apreciação estética;

“Se o nosso interesse por construções e objetos é realmente determinado tanto pelo que eles nos dizem quanto pelo desempenho de suas funções materiais, vale a pena falar sobre o curioso processo pelo qual combinações de pedra, aço, concreto, madeira e vidro parecem capazes de se expressarem - e podem em raras ocasiões nos dar a impressão de estarem nos falando sobre coisas significativas e emocionantes.” (BOTTON, 2007:78)

A interpretação dos significados também diz respeito ao contexto onde os conteúdos estão inseridos. Na arquitetura, ou no ensino de arquitetura, é importante considerarmos o paradigma do real (paradigma físico) e o paradigma do virtual. O primeiro ligado a todos os aspectos sociais, culturais e ambientais próprios do mundo humano; o segundo é de caráter tecnológico recente e se refere ao impacto da computação nos processos de idealização virtual de projetos e concepções de vida.

É justamente no paradigma virtual onde o discurso conceitual da arquitetura é concebido, através da representação visual de um objeto por meio de outro (o projeto) que o precede no tempo. Vivemos o horizonte de uma ontologia digital, no sentido de um projeto existencial cujas conseqüências sociais e ecológicas são difíceis de prever (MARTINEZ, 2000).

Na representação deste discurso conceitual, o desenho surge como um meio de representação virtual que procura se aproximar da visualização do real e aprimorar esta realidade antes que a obra seja construída. “O desenho é o ponto crítico no processo, pois não é apenas a representação final de uma idéia pensada de antemão, mas é a própria construção da idéia” (MACIEL, 2003).

Para tornar este processo mais agradável, é esperado o envolvimento do estudante no sentido de utilizar o projeto arquitetônico, o repertório do desenho, das propostas tecnológicas e espaciais, para expressar uma intenção conceitual que tenha como resultado uma qualidade específica para este ambiente construído. Nesta atividade,

considera-se a capacidade do estudante em criar um significado especial no processo de desenvolvimento do seu trabalho.

Para desenvolvermos este processo talvez seja necessário imaginar a interação do estudante de arquitetura com o projeto da mesma maneira que um artista se envolve com a sua arte, ou seja, através do exercício da linguagem artística utilizando textos explicativos, informações visuais, desenhos, croquis, que originem valores significativos.

Boa parte das metodologias projetuais utilizadas na arquitetura são aplicadas de forma linear. Porém, considerando que a mente humana não funciona de maneira sequencial, provavelmente teremos mais vantagens no processo criativo se fizermos uso de metodologias não lineares, com etapas concomitantes e organizadas metodologicamente (FÉLIX, 2007), como na investigação artística.

Entre as artes, as visuais fazem possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos. De acordo com Barbosa (2002), "através da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação para captar a realidade do meio ambiente e desenvolver a capacidade crítica". As artes "permite ainda avaliar a realidade percebida e, com isso, promover mudanças criativas."

A principal hipótese, no desenvolvimento desta experiência metodológica para a disciplina de projeto arquitetônico, foi tornar o processo de desenvolvimento de projeto mais lúdico, participativo, com o envolvimento do repertório emocional do estudante, para tornar o processo de aprendizado mais atraente durante o desenvolvimento do trabalho, e não apenas no resultado final.

Considerando as informações particulares e os assuntos de interesses de cada estudante, esta metodologia projetual possibilita organizar as expectativas que o estudante traz no início dos trabalhos em projeto. Não existem certezas neste processo de 'organização' da subjetividade, mas é interessante observar que existe uma facilidade em "ligar o mundo psicológico com o externo, visual e sensorial" através da nossa linguagem com metáforas (BOTTON, 2007:90). Para a formação do estudante é necessário o desenvolvimento da sensibilidade através da educação, não apenas no que diz respeito a sua formação profissional, mas também para a sua formação como indivíduo.

Ainda que seja quase inevitável separar a 'criação do projeto' com a arte, considerando que o processo criativo da arquitetura possa dar origem a uma obra de arte, também

consideramos importante que o projetista não se dedique exclusivamente a problemas que são de interesse pessoal (FÉLIX, 2007), devido à consciência social e ambiental que este trabalho requer.

Entretanto, a proposta desta metodologia é resgatar a subjetividade envolvida na autoria do projeto, seja individual ou coletiva, em sua fase inicial, para acrescentar significados às etapas posteriores nas definições objetivas e funcionais.

Como em qualquer processo aprendido, talvez o maior desafio para os estudantes seja definir a origem dos conceitos na confluência de tantas informações, objetivas e subjetivas. Mas é no diálogo com os desafios que muitas coisas belas adquirem o seu valor. Botton (2007:25) define bem quando escreve que precisamos impor algumas exigências singulares e exaustivas para levarmos a arquitetura a sério.

Proposta para a Elaboração do Conceito

O conceito da proposta é, antes de tudo, a idéia central e inicial do trabalho. A partir dela as prerrogativas serão direcionadas através das intenções subjetivas sobre o projeto no que confere emoção, poesia e valor artístico.

Para formularmos o conceito é preciso buscar fonte(s) de inspiração. Não existe regra pré-definida para a sua construção. Este estímulo pode partir das análises do lugar, de fontes históricas, da experiência das pessoas envolvidas no projeto, de outras áreas de estudo relacionadas, de uma imagem; Quer dizer, a construção do pensamento para a formulação do conceito é única. Por isso, torna-se importante esta formulação subjetiva de uma proposta, porque é a partir destas indicações, como referencia, que a unidade do produto irá se formar. Ao contrário das intenções objetivas (programa a ser atendido, normas, legislações, necessidades do cliente, etc.), que podem ser compartilhadas enquanto resultado e procedimentos lógicos.

Por exemplo, se a idéia conceitual para o projeto de um Shopping Center é definida como 'ambiente marítimo' - talvez por estar localizado em uma cidade litorânea e turística ou por outro interesse particular relacionado à proposta - então sua concepção arquitetônica irá focar para este tema chave. No desenvolvimento conceitual a partir deste tema teremos considerações práticas e objetivas para o edifício. Se o tema 'marítimo' predispõe pilares arredondados, faz muita diferença para o conceito esta característica formal, sendo que, funcionalmente a solução pode ser adaptada sem o comprometimento estrutural.

Outro exemplo seria um tema conceitual que procura romper com a convenção das leis da física em relação à presença do corpo no espaço, definido para uma edificação ou um ambiente fechado com elementos arquitetônicos que fogem da definição padrão do que é parede, teto, piso, janela, etc. Neste caso, podemos imaginar uma arquitetura que transmite a sensação de rompimento do convencional, compondo formas (dinâmicas, diagonais, desequilíbrio), texturas (fora de ritmo, carregadas), cores (mais quentes e menos frias), ruídos (alternados), entre outras características, que procuram representar esta idéia conceitual pré-determinada para indicar a composição das formas as quais os aspectos objetivos estariam sujeitos.

Definido a idéia conceitual, parte-se para as sensações que se espera alcançar com a aplicação deste conceito. Sensações do tipo: relaxamento, conforto, tranquilidade, segurança, estímulo ao consumo, sentimento de aceitação. Passando pelas sensações que visam atender a idéia conceitual, são definidos aspectos e diretrizes que tratam de características físicas, de acordo com a sensação esperada. Portanto, a definição de elementos construtivos e arquitetônicos, tipos de materiais e intenções plásticas, deve partir destes aspectos conceituais, sem a possibilidade de atender efetivamente um percurso contrário para estas definições.

Com estes aspectos físicos que compõem a arquitetura - linha, cor, textura, equilíbrio e composição (MANCUSO, 2004) - fica mais claro a apresentação do discurso visual sem perder uma visão integrada da obra. A caracterização destes elementos ajuda na representação de uma narrativa visual para a arquitetura.

Exemplos da caracterização de análise a que se refere:

Sofisticado: linhas retas e curvas, texturas finas, por vezes brilhantes, cores intensas, sem muita mistura, equilíbrio assimétrico;

Feminino: predominância de linhas curvas, cores claras, texturas brilhantes e lisas;

Requintado: linhas retas, tanto verticais quanto horizontais, numa versão de requinte feminino, também as curvas, texturas lisas, cores sóbrias, neutras ou quentes em seu matiz, equilíbrios alternados.

Na sequência do conceito e das sensações a serem representadas, os outros aspectos objetivos irão permear este fio condutor sem comprometer suas funções técnicas e dimensionais.

Nesta exposição de informações aos estudantes é importante apresentar o papel da arquitetura enquanto expressão de uma linguagem não-verbal inserida na esfera das

metáforas linguísticas. A arquitetura, assim como todas as comunicações não-verbais, apresenta continuidade na sua reprodução de signos, sem sequência ordenada de leitura e fora da noção de uma unidade linguística hierárquica (Silva, 2001). Sua comunicação se faz por imagens, muitas vezes apresentadas em sua totalidade já que através de partes do objeto não se tem o entendimento do todo.

Além das características físicas que compõem a arquitetura, os estudantes podem interpretar outros aspectos que digam respeito à funcionalidade do ambiente construído, representações técnicas e de habitabilidade, de maneira a multiplicar a compreensão do contexto do objeto de análise.

Todas as definições conceituais apresentadas como referencial teórico tem por finalidade acrescentar na percepção cognitiva da arquitetura, principalmente a contemporânea, em seus atributos estéticos, de maneira a compreender a linguagem visual e artística das obras que forem analisadas.

Na sequência temos um exemplo, também apresentado aos estudantes, que demonstra o desenvolvimento da etapa do Partido Geral na apresentação das informações e conteúdos relativos ao projeto. O exemplo em questão diz respeito ao projeto de uma praça a ser localizada em um terreno com algumas condicionantes de orientação solar, dimensões, topografia e características do entorno imediato. Procurou-se o exemplo para o projeto de uma praça propositadamente, para enfatizar a metodologia de desenvolvimento do trabalho considerando que as turmas avaliadas por esta metodologia em questão trabalharam apenas com o tema de projeto arquitetônico para edifícios.



Ilustração 1 - Terreno para o projeto da Praça (Fonte: do Autor, 2006)

Itens	- Etapas de Trabalho -	- Aspectos Referentes ao Projeto da Praça -
Etapas Iniciais ao projeto	Informações Gerais sobre o Terreno	Faz limite a nordeste com um condomínio residencial multifamiliar de 6 pavimentos. A sudeste o limite é com uma loja comercial. Na relação com o entorno, predomina o uso comercial e serviço junto a rua principal (eixo sudeste-noroeste), tornando-se misto no alongamento da outra rua ortogonal (e secundária). O terreno apresenta diferença de níveis topográficos, três árvores de grande porte que devem ser mantidas, e a ocorrência de acúmulo de água no nível mais baixo do terreno.
	Diagnóstico	Tendo o levantamento do terreno, no que se refere as informações sobre o espaço físico, o diagnóstico da avaliação geral dos condicionantes do entorno, condicionantes do terreno, funções mínimas, público-alvo e memória do local. Considera-se a análise de como a área destinada a praça apresenta-se – o que está bom e ruim e o motivo.

Concepção Subjetiva da Proposta	Conceito		<p>Natureza x Atividades Humanas</p> <p>A reflexão conceitual parte do contra ponto entre ambiente natural e das atividades humanas - o lado inspirador que a natureza proporciona pela contemplação do meio externo e a atividade corporal do ser humano para a maior compreensão de suas atividades físicas e seus limites internos.</p> <p>A <u>idéia principal</u> para o conceito está no contraste entre o equilíbrio, beleza e descanso mental que a natureza transmite, em contra ponto aos conflitos, desafios e esforços na atividade do corpo e da mente. Seriam dois mundos: aquele com a realidade em que estamos inseridos e o outro que está dentro de nós.</p> <p>Para alcançar tal conceito é preciso representar, ao mesmo tempo, o contraste e a complementariedade, porque o equilíbrio que se observa no exterior é complementar para o entendimento dos dilemas interiores, ainda que representem diferentes sintonias.</p>	
	Sensações Esperadas a partir da idéia conceitual		<ul style="list-style-type: none"> • contraste x compensação • diferença x homogeneidade • conflito x simplicidade. 	
Considerações Iniciais para a Proposta	Diretrizes		<ul style="list-style-type: none"> - No encaminhamento do projeto da Praça, a partir da idéia conceitual, são definidas as seguintes diretrizes: - O contraste se dará pela separação entre os elementos naturais de composição e aqueles elementos artificiais, definidos com uma mesma linguagem de design para a compensação e complementariedade. Suas texturas e formas serão representadas em contraponto: naturais com formas retas (racionais), artificial com formas onduladas (orgânicas); - A diferença entre tais elementos será definida pelas características dos materiais, ainda que mantendo a integração da linguagem pela referencia de pontos focais do material de elementos naturais indicado nos elementos artificiais; - Na marcação espacial os elementos serão definidos em eixos ortogonais, marcando a disposição física dos naturais (paisagismo) e dos artificiais (equipamentos urbanos), em toda a área primária definida para a praça. O conflito estará na presença de interseções entre estes elementos e na sutil diferença entre os eixos ortogonais. A simplicidade é definida de forma a facilitar a leitura destes eixos e evitar outras concepções de conflito na marcação do espaço da praça. 	
	Indicação de Equipamentos	<ul style="list-style-type: none"> - Programa de Necessidades - Equipamentos e Elementos urbanos - Vegetação 	<ul style="list-style-type: none"> - Playground Infantil - Área de convivência - Área de sombra - Solarium - Circulação 	<ul style="list-style-type: none"> - Iluminação por postes e luminárias de piso, - Bancos, lixeiras, placas de sinalizações, mesas de jogos, brinquedos lúdicos infantis, equipamentos para alongamento.

Indicação dos Espaços para Zoneamento	<ul style="list-style-type: none"> - Espaço Primário e Secundários - Área de transição - Áreas de circulação e permanência - Relação projetual com o entorno - Acessos - Eixo: de circulação, visual, de composição e temático 	<ul style="list-style-type: none"> - Espaço primário abrangendo toda a área delimitada para a praça; - Secundários constituídos por: playground, eixo de integração na circulação e convivência, área de sombra, áreas de jardim, circulação rápida, circulação contemplativa, áreas neutras e abertas; - Áreas de transição presentes na transposição para os terrenos privados do entorno, nos acessos para a área efetiva da praça, na circulação do passeio junto à rua; - A relação com o entorno se dará através do uso dos materiais de revestimento e pela marcação dos eixos de composição da praça; - Os eixos são: circulação e de composição; - Os acessos, os eixos, as áreas de circulação e permanência estão representados na proposta.
Tópicos a serem alcançados	<ul style="list-style-type: none"> - Design - Materiais - Processos construtivos - Manutenção 	<ul style="list-style-type: none"> - Funcionalidade, ergonomia, praticidade, durabilidade, atendimento das necessidades do objeto e do usuário, composição formal. - Elementos que representam a natureza: madeira laminada, em cores claras, devidamente tratada para exposição às intempéries. Representados por elementos de suporte para a vegetação, vasos, delimitações do piso e gramado, acabamentos da área de circulação e em geral; - Elementos que representam a atividade humana: metais escovados para acabamentos, prateados em predomínio, ferro e aço, com tratamento anti-oxidante. Representados pelos mobiliários e elementos urbanos, nos acabamentos de áreas de permanência. - Aplicação no local dos suportes que darão base para os elementos e mobiliários da praça. Suportes confeccionados em concreto armado, quando no piso, e em ferro e aço, quando aéreos. - Os equipamentos deverão ser propostos para fabricação industrial antes da montagem no local. - A manutenção deve estar prevista na composição formal dos equipamentos, na aplicação efetiva das especificações dos materiais já escolhidos e considerando a viabilidade operacional na retirada do equipamento das oficinas. - Tópicos gerais a serem atendidos: Iluminação, Salubridade, Ambientação, Composição estética, Funcionalidade, Segurança
<p>Ilustração 2 - Esquemas referentes às etapas no desenvolvimento do Zoneamento (Fonte: do Autor, 2006)</p>		

Avaliação dos Resultados

Como a tendência dos estudantes é cumprir o programa da disciplina de projeto, sem um envolvimento que extrapole o desenvolvimento mínimo, de maneira geral, houve uma resistência na recepção da idéia referente a metodologia de projeto e, principalmente no início da formulação conceitual que requeria a definição pela linguagem escrita. Isso aconteceu, primeiramente, pelo desconforto dos alunos em

articular suas idéias a partir de temas e abstrações que não faziam parte do seu processo usual de raciocínio, demonstrando uma visão linear no processo de aprendizagem e na criação do projeto arquitetônico. O medo de representar o seu esforço particular gerava no estudante um apego na reprodução racional daquilo que já está consolidado pelo consenso coletivo (da universidade ou do meio profissional), impedindo estes alunos e alunas de expor sua subjetividade, suas emoções e percepções visuais, causando insegurança e incompreensão.

Porém, ultrapassando esta barreira de concepção inicial do conceito e no domínio maior das informações do projeto, surgiu um despertar no entendimento da proposta que estaria organizado por esta metodologia de trabalho. No encontro destas idéias abstratas com a representação da linguagem visual através dos desenhos os estudantes recuperaram a segurança na representação desta idéias, demonstrando equilíbrio no repasse dos aspectos subjetivos para os objetivos.

A estrutura de pensamento que traz justificativas para o trabalho é articulada a partir de informações objetivas, com base em pesquisas científicas, e pelas informações subjetivas obtidas pelo repertório do próprio estudante, suas crenças, interesses e gostos pessoais. Essa abertura na relação entre tópicos possibilita um crescimento na maneira como articula o seu discurso arquitetônico, com segurança, identificação e envolvimento para com o trabalho.

Para o aprendizado dos estudantes foi importante a constituição de unidades a partir da dispersão, mostrando como determinados enunciados aparecem e como se distribuem no interior de certo conjunto, observando que a unidade não é dada pelo objeto de análise. E construir unidades é um trabalho de multiplicação da realidade do discurso que está sendo analisado (FISCHER, 2008).

Com isso, o resultado formal da concepção arquitetônica ganhou um conteúdo subliminar e diverso que transpareceu no próprio discurso verbal dos alunos, quando conseguiam apresentar justificativas coerentes para suas propostas espaciais e visuais, diante da banca composta por outros professores.

No processo de ensino-aprendizado percebeu-se esta autonomia do estudante, o seu crescimento na articulação com o projeto e um senso crítico mais amplo na idéia de composição arquitetônica, na medida em que a transformação do conteúdo foi diretamente proporcional ao envolvimento emocional com o exercício de projetar a arquitetura enquanto representações simbólicas (HERNÁNDEZ, 2005).

Com a aplicação desta metodologia percebe-se que é difícil fazer uma inversão dos aspectos subjetivos para os objetivos na construção do projeto, simplesmente porque as questões objetivas e práticas são menos flexíveis que o contexto abstrato da subjetividade, para permitir o desenvolvimento do caráter emocional e poético no projeto de arquitetura. Mesmo porque, sem emoção a arquitetura não se valida como arte.

Fontes de Referencia

BARBOSA, Ana Mae (2002). Arte, Educación y Reconstrucción Social. Cuadernos de Pedagogía, nº311. Barcelona.

BOTTON, Alain de (2007). A Arquitetura da Felicidade. Tradução de Talita M. Rodrigues. Ed. Rocco. Rio de Janeiro.

FÉLIX, Luisa Rodrigues (2007). Inserção de Ambientes Virtuais de Aprendizagem com a Utilização da Computação Gráfica no ensino de projeto Arquitetônico. Dissertação do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFSC. Florianópolis.

FISCHER, Rosa Maria Bueno (2001). Foucault e a análise do discurso em educação. Faculdade de Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Cadernos de Pesquisa nº 114. Novembro. Consultado em Março de 2008 em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>>

HERNÁNDEZ, Fernando. OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (2005). A Formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais. Santa Maria, RS: UFSM.

MACIEL, Carlos Alberto (2003). Arquitetura, Projeto e Conceito. Texto especial 211. Portal Vitruvius. Consultado em Maio de 2008 em <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp211.asp>>

MANCUSO, Clarice (2004). Arquitetura de Interiores e Decoração; A arte de viver bem. Porto Alegre. Sulina.

MARTÍNEZ, Alfonso Corona (2000). Ensaio sobre o projeto. Tradução de Ane Lise Spaltemberg. Editora Universidade de Brasília. Brasília.

SILVA, Elvan (2001). Fundamentos teóricos da crítica arquitetônica. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.